

A ICONOGRAFIA DAS ARTES LIBERAIS

THE ICONOGRAPHY OF LIBERAL ARTS

Erinaldo Sales

Doutor em Arquitetura (Área de Teoria, História e Crítica, na linha de Estética, Hermenêutica e Semiótica pela FAU/UnB. Mestre em Teoria Literária – TEL/UnB. Professor da Secretaria de Estado de Educação do DF. E-mail: erinaldosalesster@gmail.com

RESUMO

O presente artigo faz uma amostragem da representação iconográfica das artes liberais em alguns pintores. Ao final, tece algumas considerações sobre a representação da mulher nessa iconografia e o simbolismo do número sete.

Palavras-chaves: iconografia, artes liberais.

ABSTRACT

This article presents a sample of the iconographic representation of liberal arts in some painters. At the end, he makes some considerations about the representation of women in this iconography and the symbolism of the number seven.

Keywords: iconography; liberal arts.

As artes na antiguidade, de acordo com Tarkiewicz (2000), mostram que o que determinou as ideias estéticas à época foi o uso cotidiano e a filosofia, e não a estética propriamente dita, no que diz respeito à sua classificação. No período grego, não houve alteração do que havia sido formulado em relação às artes, sendo essas concepções substituídas, posteriormente, no período helenístico. As ideias primordiais eram as de beleza, arte e poesia. Na Grécia, a concepção de beleza era muito mais ampla do que hoje em dia, pois abarcava não somente pintura, estátuas e composições musicais, mas abrangia também as virtudes e as ações e pensamentos relacionados com a verdade. A beleza não era entendida apenas no sentido estético, e sim, também, como beleza moral. Essa concepção de beleza do período grego não sofreu alteração até o final da antiguidade. A arte também teve, nesse mesmo período, uma ideia mais geral do que a dos dias atuais, englobando todos os trabalhos produzidos mediante regras, fossem eles de artistas, artesãos ou eruditos.

Esses conceitos de ‘beleza’ e ‘arte’ não eram associados um ao outro. A ideia de arte teve um significado muito amplo, pois qualquer produção era chamada de arte, que por sua vez deveria aspirar à perfeição, entendida como ‘beleza’. Para os gregos, quando se tratava de beleza, esta não estava relacionada à arte, e vice-versa. A associação da beleza com a arte deu-se somente no final dos tempos antigos, quando foi estabelecida a noção de que, para algumas artes, a beleza era tida como objetivo.

Da mesma forma, as ideias de arte e poesia não eram associadas nos tempos antigos, pois os gregos, segundo Tarkiewicz, convenceram-se de que a arte é sujeitada a regras, e a poesia dependia basicamente da inspiração. Dessa forma, a poesia não era considerada uma arte. Foi também no final do período antigo que a poesia e a arte passaram a ser reunidas, uma vez que se reconheceu que a poesia também dependia de regras e que as outras artes dependiam de inspiração.

Com as mudanças das concepções de beleza e arte ao longo do período antigo, houve uma convicção de que a arte era baseada em regras gerais e, além disso, tendo por base um fundo racional, não sendo mais, dessa forma, dependente de inspiração, intuição ou mesmo de fantasia.

Com o advento da era da máquina, as belas-artes passaram a aquilo que era chamado de manufatura, tendo sinônimo de “indústria de oficina”. O artista era mais um manufator numa época em que se dava alto valor à habilidade do trabalhador. De acordo com Osborne (1970), este trabalhador era “comumente designado pelo nome de oficial (*technites*) ou artífice (*demiourgos*).” (OSBORNE, 1970, p.33)

Além disso, o que conhecemos hoje como “belas-artes” era mais integradas na vida da antiga cidade soberana do que na comunidade moderna. Um pensamento e apreciação estéticos ainda eram pequenos, e a “elevação das artes a um pedestal cultural lhes enfraqueceu a influência direta na vida maioria, dilatando o abismo entre o gosto inculto e o que denominamos gosto “requintado”. (idem, p.31)

Quando as suas artes mecânicas chegaram a um nível elevado de beleza formal e gosto, provavelmente os gregos ainda não tinham chegado ao qualquer indício de apreciação estética que tivesse um valor ou “bem” distinto, merecendo ser cultivado por si mesmo.

De acordo com a tradição, as belas-artes são divididas em sete categorias: Música, Pintura, Escultura, Arquitetura, Literatura, Coreografia e Cinema. Esta divisão, antes de tudo, remete à questão do número sete. Ao longo dos tempos, esse número elenca uma série de coisas nas mais variadas modalidades e áreas de conhecimento, principalmente na Religião e na História.

Vale ressaltar que esse número sete, na Antiguidade, tinha uma grande representação

Tradicionalmente, as belas-artes são divididas em sete categorias: Música, Pintura, Escultura, Arquitetura, Literatura, Coreografia (dança) e Cinema. Esta divisão, antes de tudo, remete à questão do número sete. Ao longo dos tempos, esse número elenca uma série de coisas nas mais variadas modalidades e áreas de conhecimento, principalmente na Religião e na História. Embora este não seja um trabalho de simbologia, vale citar alguns exemplos da ocorrência do número sete.

Além disso, há outras relações, do mundo antigo, em número de sete, como a Lenda dos sete Dorminhocos, ou sete dormentes¹. Conta a lenda

¹ Idem.

que sete homens foram acusados de praticar o Cristianismo quando o governador Décio governou, por volta de 250 d.C. Eles se esconderam numa caverna e adormeceram. Para se livrar deles, o imperador mandou selar a caverna. Um fazendeiro abriu a caverna décadas depois e encontrou os sete homens ainda adormecidos. Eles despertaram e acharam que tinham dormido por apenas um dia.

A título de curiosidade, do mesmo modo, temos: sete dias para a criação do Mundo; sete são os dias da semana; sete foram as quedas a caminho do Gólgota; sete são as Divindades que comandam a Natureza; sete são as cabeças da Hidra de Lerna. Temos o Candelabro de sete braços; os sete castiçais de ouro; as fases dos sete Anos; o livro dos sete Selos; as sete notas musicais: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si; os sete palmos das sepulturas; os sete Planetas Sagrados; as sete vacas; sete espigas do sonho do Faraó, desvendado por José no Egito; as sete Taças (cheias de pragas); os sete contra Tebas; as sete Trombetas do Apocalipse.

Na Matemática temos sete algarismos romanos.

Vale ressaltar que esse número sete, na Antiguidade, tinha uma grande representação. Uma das mais famosas, sem dúvida, são as sete maravilhas do mundo antigo: Pirâmide do Egito em Gizé; Jardins Suspensos da Babilônia; Estátua de Zeus em Olímpia; Colosso de Rodes; Estátua do deus do sol Hélios; Templo de Artêmis em Éfeso; Mausoléu em Halicarnasso; e Farol em Alexandria.

Figura 1 - Sete Maravilhas do Mundo antigo²



² Number 7 in ancient times. Disponível em: <https://mysticalnumbers.com/number-7-in-ancient-times/>. Acesso em: 18 jun 2020.

³ Idem

Na História, o partido nazista foi fundado por sete pessoas; houve sete reis da antiga Roma; sete rainhas na História foram chamadas de Cleópatra; sete imperadores de Roma morreram assassinados; diz a tradição que Joana D'Arc, ao ser queimada na fogueira, exclamou sete vezes o nome de Jesus; sete anos gastos na construção do Templo de Salomão; a Guerra dos Sete Anos.

Na Astronomia: os sete astros sagrados: Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno; a Constelação de Sete Estrelas: Alcione, Caleano, Asterope, Merope, Tayegeta, Eletra, Maya.

Na Física, são sete cores refratadas pelo prisma: vermelho, laranja, amarelo, verde, ciano, azul, violeta.

Ainda, há os Sete Sábios da Grécia Antiga, listado por Platão no diálogo Protágoras, filósofos conhecidos por suas sabedorias. São eles: Thales, de Mileto; Pitaco, de Mitilene; Biante, de Priene; Solon; Cleóbulo, de Lindos; Misão, de Queneu; e Quilão, de Sparta.

Figura 2 - Xilogravura da Crônica de Nuremberg³



Temos ainda as Sete Colinas de Roma: Capitólio, Quirinal, Viminal, Esquilino, Célio, Aventino e Palatino.

Também, na Filosofia, além dos Sete Sábios da Grécia listados acima, tem-se os sete Princípios da Moral Pitagórica: Retidão de propósitos, Tolerância na opinião, Inteligência para discernir, Clemência para julgar, Ser verdadeiro em Palavras e Atos, Simpatia, Equilíbrio. As sete Virtudes Humanas: Esperança, Fortaleza, Prudência, Amor, Justiça, Temperança, Fé. Os Deuses do Olimpo tinham sete formas: Forças Espirituais, Forças Cósmicas, Deuses, Corpos Celestes, Poderes Psíquicos, Reis Divinos, Heróis e Homens Terrestres.

Na Religião: há os sete Pecados Capitais: Vaidade, Avareza, Ira, Preguiça, Luxúria, Inveja, Gula. Tem-se as sete Virtudes Cardinais: Castidade, Generosidade, Temperança, Diligência, Paciência, Caridade, Humildade. As sete Igrejas da antiguidade: Tiatira, Éfeso, Esmirna, Laodicéia, Filadélfia, Pérgamo, Sardes.

Por fim, nas Artes, o “Manifesto das Sete Artes”: Música, Pintura, Escultura, Arquitetura, Literatura, Coreografia, Cinema.

ARTES MECÂNICAS E ARTES LIBERAIS

Arte, Ciência, Filosofia e Cosmovisão são as quatro áreas do conhecimento humano nas quais está assentada a cultura humana de forma geral. Destas, a Arte é a mais antiga praticada pela humanidade. Isto é verificado pelos restos arqueológicos, objetos e símbolos, através das pinturas, do cântico e a dança dos nossos ancestrais.

O conceito de belas artes é associado à ideia de que um certo conjunto de suportes e manifestações artísticas é superior aos demais. Até o século XIX, as escolas de arte classificavam-nas em basicamente dois tipos: as belas artes e as artes aplicadas ou artes secundárias. As belas artes eram aquelas que, segundo o ponto de vista do período, possuíam a dignidade da nobreza. Já as artes aplicadas, devido ao fato de serem praticadas por trabalhadores, eram desvalorizadas. Assim, compunham as belas artes a pintura, a escultura e o desenho, todas elas subordinadas à arquitetura.

Um esquema básico de estruturação das Artes é seguinte, são elas de dois tipos:

Utilitárias	Liberais	predomina o esforço intelectual;	
	Mecânicas	predomina o esforço manual e físico.	
Belas Artes	Plásticas	Arquitetura;	
	(imobilidade)	Escultura;	
		Pintura.	
	Rítmicas	Psíquica idiomática	Literatura
	(mobilidade)	Acústica	Música;
			Canto.
		Cinética	Teatro;
		Cinema.	
	Orquêstrica	Coreografia;	
		Dança.	

A hermenêutica medieval considerava número sete como juntando o espiritual (três) e o material (quatro), servindo de base para a distinção das artes liberais, o famoso *trivium* e *quadrivium* de universidades medievais.

As artes liberais já haviam sido estabelecidas na Roma antiga como um meio de educação apropriada para um homem livre. Elas foram identificadas por Martianus Capella (século V). As sete artes liberais também estavam presentes nas universidades europeias medievais: chamadas, as três primeiras, de “trivium” e as quatro últimas de “quadrivium”. Assim, as Sete Artes Liberais estão divididas em dois grupos, sendo: Trivium – gramática, retórica e dialética; e Quadrivium – aritmética, geometria, astronomia e música.

Figura 3 - Representação das sete Artes Liberais⁴

4
Idem.



O ponto de partida é Santo Agostinho, com seu programa de purificação das almas pelo exercício da inteligência, com a necessidade de reunir, em uma única obra, todos os conhecimentos necessários à interpretação e ao ensino dos textos sagrados. Cassiodoro (490-580/3) é quem corresponde primeiro a esse apelo de Santo Agostinho. O livro II das *Institutiones divinarum et saecularum litterarum*, intitulado *De artibus ac disciplinis liberalium litterarum*, foi por muitos séculos um manual das escolas monásticas, ao oferecer uma síntese de tudo o que era considerado necessário e suficiente à formação intelectual de um monge. Ele é dividido em sete partes, cada uma delas consagradas às setes disciplinas que Cícero considerava dignas do homem livre, ou seja: as Sete Artes Liberais. A perspectiva que o embasa é a neoplatônica da ordem dos saberes orientados para a contemplação. Cassiodoro começa pela gramática, retórica, dialética e passa posteriormente à aritmética, à música e à geometria e termina com a astronomia, metáfora da ascensão da terra aos céus. A grande inovação desse livro é o fato de, pela primeira vez, ser ele construído sob a forma de um léxico.

A Idade Média receberá esse sistema na forma concisa das ciências lógicas (*trivium*) e das físicas e matemáticas (*quadrivium*), sendo que esta será regulada por estatutos jurídicos das corporações (CARAMELLA, 1998, p.26). É Hugo de San Victor, na sua obra *Didascálion*, que revela a divisão entre teoria e prática, ou idealização e execução. Mais uma vez Caramella:

A expressão “artes mecânicas”, San Victor fará derivar de *moechus*, isto é, *moechanicae*, o que significa adúltera e desonesta. Devemos ressaltar, no entanto, que aquilo que é considerado ignóbil nessa divisão entre artes liberais e artes mecânicas é o fundamento material e técnico, ainda que os ofícios e as artes estejam definidos exatamente pela sua inserção material. Interessante observar a palavra “adulterinae”: o fato de que cada artista lê e interpreta os materiais [26] significa que cada artista propõe um código próprio, adulterando assim uma suposta regra geral. (1988, p.26-7)

A expressão *artes liberales*, que foi usada sobretudo durante a Idade Média, não significa artes como entendemos a palavra nos dias de hoje, mas sim as áreas de que foram ensinadas na escola daquela época. São chamadas liberais (do latim *liber*, livre), porque serviam ao propósito de formação livre do homem, em oposição com a *illiberales* artes, que são perseguidas para fins econômicos. Seu objetivo é preparar o aluno não para ganhar o sustento, mas para o exercício da ciência no sentido estrito do termo, ou seja, a combinação de filosofia e

teologia, conhecida como escolástica. Em número de sete, podem ser organizadas em dois grupos, o primeiro abrange a Gramática, Retórica e Dialética, são as ciências da linguagem, da Oratória e da Lógica, conhecidas também como o *sermocinales artes*, ou estudos da linguagem. O segundo grupo é composto por Aritmética, Geometria, Astronomia e Música, ou seja, as disciplinas físico-matemáticas, conhecidas como *artes reales*, ou *physicae*.

O primeiro grupo é considerado o grupo elementar, e esses ramos são também chamados de *triviales* ou *trivium*, ou seja, um chão batido bem como a junção de três vias, ou uma encruzilhada aberta a todos. Em contraste com eles, temos as disciplinas matemáticas como *artes quadriviales* ou *quadrivium*, ou de uma estrada com quatro ramos. As sete artes liberais são, portanto, os membros de um sistema de estudos que abrange ramos da língua como a mais baixa, os ramos matemáticos, como o intermediário, e ciência propriamente dita como a mais alta qualidade.

De acordo com Tereza Aline Queiroz (QUEIROZ, 1999), durante a Idade Média, as escolas não ensinavam a construir casas, catedrais, abadias, navios, a desenhar cidades, a pintar afrescos, a esculpir pedras ou mesmo a escrever poesias e romances. Não se ensinavam também funções básicas da criação prática ou mesmo os mecanismos de funcionamento externos e internos do mundo material, ou seja, não era ensinado, por exemplo, como produzir, como lidar com dinheiro, como dominar técnicas de agricultura o do pastoreio, criar objetos, tecidos, roupas, sobreviver na guerra. Disciplinas como História e Geografia, ou as raízes da própria língua falada não eram consideradas conteúdos importantes para formação de um homem “educado”. (QUEIROZ, 1999, p.11)

Tereza Queiroz aponta ainda que a Antiguidade sempre se fez presente em todos os séculos do período medieval, e isto talvez tenha sido o responsável por entraves ao conhecimento observados pelos humanistas. O sistema educacional baseado no *trivium* e *quadrivium* é um dos exemplos mais elementares desse poder muitas vezes restritivo da Antiguidade sobre o mundo medieval. Mesmo que não houvesse unanimidade quanto ao que deveria constar no currículo da educação liberal na época romana, essas sete matérias são consideradas básicas na época medieval. Cita Tereza que “Cícero, por exemplo fala de Geometria, Literatura, Poesia, Ciência Natural, Ética e Política; Terêncio varão e Vitruvius acrescentaram a Medicina e a Arquitetura entre as *artes liberales*.” (QUEIROZ, 1999, p.13)

Para Vergerius (Petrus Paulus Vergerius, professor em Florença, Pádua e Bologna), os *estudos liberais*

seriam aqueles dignos de um homem livre, através dos quais seriam adquiridas, na teoria e na prática, a virtude e a sabedoria, os dons do corpo e do espírito que serviriam para o enobrecimento do homem.

A partir do século V, os povos germânicos, ao se instalarem em diferentes regiões do antigo Império Romano, vão contribuir com uma visão diferente do que venha a ser a educação de uma criança. Assim, “durante o primeiro século que se seguiu à tomada do governo pelos germanos na Itália e no norte da África, a manutenção da tradição escolar antiga se transforma numa demonstração política de resistência cultural face ao invasor.” (QUEIROZ, 1999, p.20). Boécio, numa tentativa de imobilizar o passado, passa a compor tratados sobre as *artes liberais* e atribui a elas o nome de *quadrivium*. (idem, p.21).

Prossegue Tereza Queiroz, ainda sobre o desenvolvimento das artes liberais:

No *De artibus ac disciplinis liberalium artium*, uma espécie de resumo das *De nuptiis Philologiae et Mercurii* (c.420) onde Martianus Capella apresenta cada uma das sete *artes liberais*, Cassiodoro entende *liberalis* não a partir da palavra *liber* / “livre”, mas sim de *líber* / “livro”; ou seja, não mais se tratava de *artes* dos homens livres, mas sim de um saber *livresco*. (QUEIROZ, 1999, p.22)

Cita ainda a autora que, para Gregório, O Grande (papa eleito em 590), “o estudo das *artes liberais* só se justifica como um instrumento de refinamento para a compreensão da palavra de Deus.” (p.22). Gregório, que escreveu uma *História dos francos*, cita, nessa obra, Martianus Capella, o qual faz uma definição das sete *artes liberais*. Para ele,

a Gramática ensina a ler; a Dialética, a responder às propostas de discussão; a Retórica, a conhecer a conhecer os diferentes metros; a Geometria, a calcular a calcular a superfície das terras e a medida das distâncias; a Astrologia, a conhecer o curso dos astros; a Aritmética, a calcular a divisão dos números; a Harmonia, a fazer ouvir nas poesias a modulação de sons suaves. (idem, p.24)

Possivelmente localizados nos tempos carolíngios, e institucionalizados, pelo menos na teoria, o *trivium* e o *quadrivium* seriam suportes metodológicos e de conteúdo exclusivo da educação masculina, pois as meninas, em princípio, não estudavam. Fala Tereza Queiroz que Alcuíno, o conselheiro de Carlos Magno, escreveu tratados isolados sobre cada uma das *artes liberais* nos séculos VIII-IX, e relacionou as sete *artes* com a passagem da Bíblia (Prov. IX:1) sobre os sete pilares da sabedoria, reforçando, dessa forma, o “caráter espiritual ao aprendizado escolar”. (QUEIROZ, 1999, p.25).

As artes liberais – um conceito do período clássico – representam os sete ramos do conhecimento que iniciam o jovem numa vida de aprendizagem. Essa expressão a divisão das artes em *trivium* e *quadrivium*, como foi visto, datam da Idade Média.

Trivium é o cruzamento e a articulação de três ramos (ou caminhos), e tem a conotação de um “cruzamento de estradas”, podendo ser acessadas por qualquer pessoa. *Quadrivium* significa o cruzamento de quatro ramos ou caminhos.

O Trivium é dividido em três artes, sendo elas artes da linguagem pertinentes à mente. São a Lógica (arte do pensamento), a Gramática (arte de inventar e combinar símbolos) e a Retórica (arte da comunicação).

O Quadrivium: é dividido em quatro artes, estas, da quantidade pertinentes à matéria. Essas quatro artes são dispostas em dois grupos, um relativo à *Quantidade discreta ou número*: Aritmética (teoria do número) e Música (aplicação da teoria do número); o outro à *Quantidade contínua ou extensão*: Geometria (teoria do espaço) e Astronomia (aplicação da teoria do espaço).

Essas sete artes liberais têm diferenças essenciais das outras artes ou ofícios utilitários (como carpintaria, alvenaria, vendas, impressão, edição, serviços bancários, direito, medicina, ou o cuidado das almas) e das sete belas-artes (arquitetura, música instrumental, escultura, pintura, literatura, teatro e dança), pois, segundo Mirian Joseph, “tanto as artes utilitárias quanto as belas-artes são atividades transitivas, enquanto a característica essencial das artes liberais é que elas são atividades imanentes ou intransitivas.” (JOSEPH, 2008, p.22).

Diz ela que o artista utilitário é aquele que produz utilidades que vão atender às necessidades do homem. Por outro lado, O artista que produz uma das belas-artes, “se for de superlativa categoria, produz uma obra que é ‘algo de belo e uma alegria para sempre’ e que tem o poder de elevar o espírito humano” (idem).

Ela então expõe uma distinção que existe entre as artes por meio das três classes de bens: valiosos, úteis e aprazíveis. *Bens valiosos* são aqueles que são desejados não só por sua própria causa, mas também porque também tem um grande aumento do valor intrínseco do seu possuidor. Exemplos desse tipo de bens são o conhecimento, a virtude e saúde como bens valiosos. *Bens úteis* são aqueles que são desejados porque vão permitir que uma pessoa possa adquirir bens valiosos, como exemplos bens úteis tem-se, segundo a autora, alimento, remédio, dinheiro, ferramentas e livros. Por fim, *bens aprazíveis* são aqueles que são desejados por si mesmos em função da satisfação que dão a quem os possuir. Felicidade, uma reputação honrada, prestígio social, flores e comida saborosa são, para ela, bens aprazíveis.

As três artes da linguagem fornecem disciplina à mente, pois esta encontra expressão na linguagem. As quatro artes da quantidade fornecerão meios para o estudo da matéria (ou, em outros termos, extensão), uma vez que esta é característica notável da matéria. Dessa forma, a extensão é uma característica apenas da matéria, enquanto o número é característica tanto da matéria quanto do espírito. (JOSEPH. 2008, p.27).

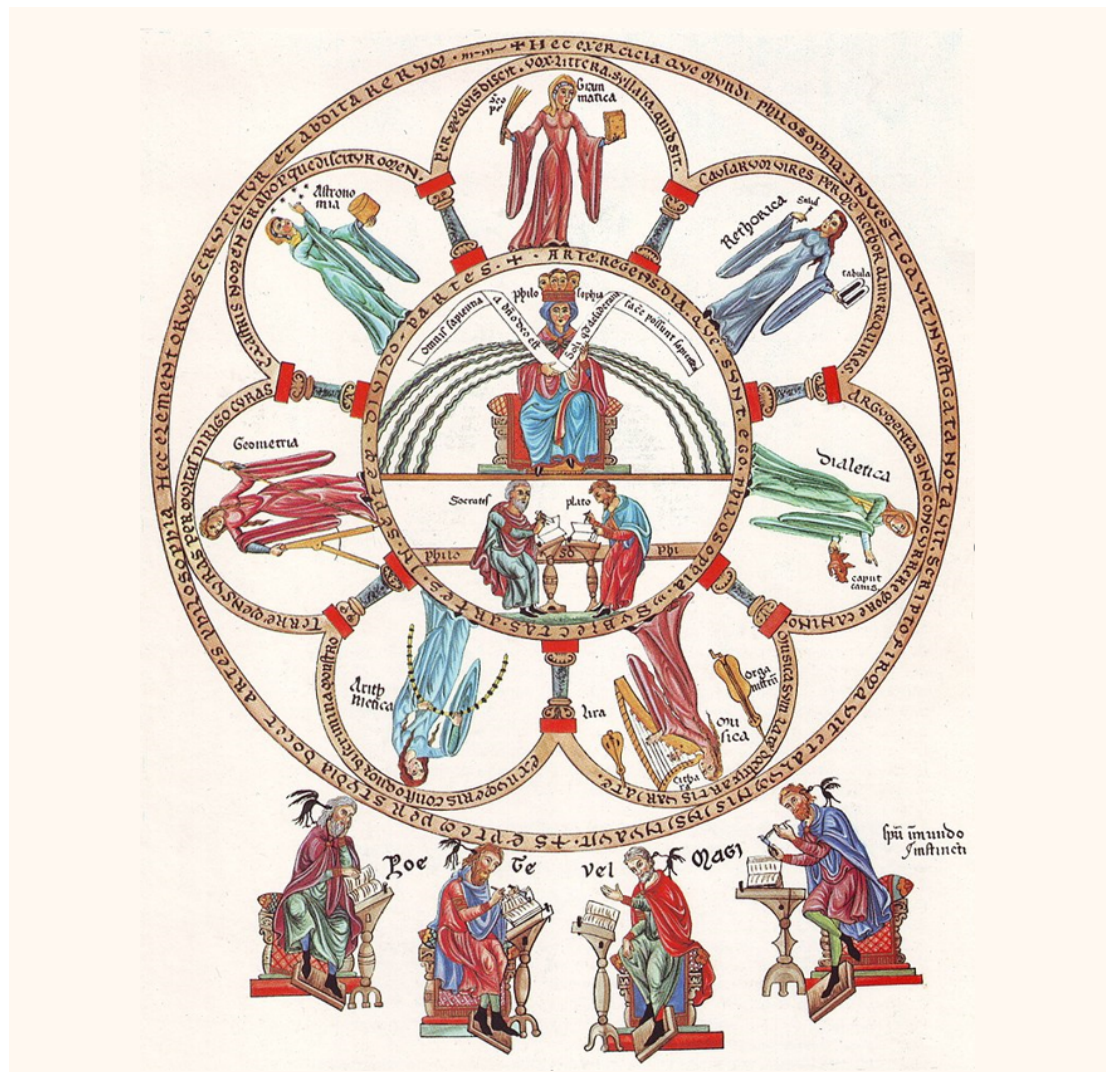
Uma das mais famosas representações das Artes Liberais é a “Filosofia e as Sete Artes Liberais, uma iluminura medieval de Herrard de Landsberg, encontrada na obra do século XII *Hortus Deliciarum*⁵. Trata-se de uma iluminura compilada na Abadia de Hohenburg, França, iniciada em 1167 e concluída em 1185. Servia como material pedagógico para as noviças do mosteiro. É tida como a primeira enciclopédia escrita por uma mulher e é um dos mais importantes manuscritos da sua época.

A REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA DAS ARTES LIBERAIS

A iluminura compila o conhecimento do século XII, embora não seja toda ela original. Contém poemas, ilustrações, desenhos e músicas de textos clássicos de escritores árabes, que foram compilados por Herrard e dedica às freiras.

Exaustivamente estudadas, as artes liberais também foram, em vários momentos da História, representadas de maneira iconográfica. Essas iconografias tentam trazer para o campo da visão a o entendimento das artes a partir do conhecimento que os antigos tinham.

Figura 4 - Filosofia e as Sete Artes Liberais Hortus Deliciarum



5

A obra encontra-se disponível em: https://archive.org/details/gri_33125010499123. Acesso em 18 jun 2020.



Figura 5 - Alegoria das sete artes liberais – 1590

Outra representação das sete artes liberais é feita por Marten de Vos (1532 – 1603): “A Alegoria das Sete Artes Liberais”⁶. Ele, por meio da pintura, reforça a maneira canônica de descrever os domínios do ensino superior nos tempos medievais.

A impressão de Dietrich Meyer (1572 – 1658), “As sete artes liberais” (abaixo), ilustra os assuntos ou as habilidades que eram consideradas na

antiguidade clássica assuntos essenciais para uma pessoa livre (do latim: liberal: digno de uma pessoa livre), que podiam participar da vida cívica, como os debates públicos, os tribunais, os juris, além do serviço militar. As principais “artes”, para a Grécia Antiga, eram a Gramática, a Retórica e a Lógica, o trivium. As demais representavam um papel relativamente menor na educação do povo grego.

6
Imagem disponível em: <https://bjws.blogspot.com/2015/04/the-seven-liberal-arts.html>. Acesso em 18 jun 2020.

Figura 6 - As sete arte liberais – s.d



Tem-se também a obra de Giovanni di Guidi (1406 – 1486), conhecido como “Lo Scheggia”, “As sete artes liberais7” (abaixo)



Figura 7 - As sete artes liberais de Giovanni di Guidi. s.d.

Tem-se (abaixo), ainda, a impressão feita por Virgil Solis (1530 – 1562)⁸



Figura 8 - Virgil Solis

7
Imagem disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Giovanni-ser-Giovanni-di-Guidi/348206/As-sete-artes-liberais.html>. Acesso em 18 jun 2020.

O desenho é feito ilustrando as artes, cada uma segurando seus respectivos atributos, e dançando.

Gregor Reisch (1467-1525) “Margarita Philosophica Nova” (Pérola da Sabedoria) com as sete artes liberais. (1503) (Fig. 9), em que se vê, à esquerda o trivium (Logica, Rhetorica e Grammatica), no meio e à direita o quadrivium (Arithmetica, Musica, Geometrica e Astronomica). Sob os olhos atentos dos quatro pais da Igreja, Agostinho, Gregorius, Hieronymus e Ambrosius:

8
Imagem disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1868-0711-348. Acesso em 18 jun 2020.



Figura 9 - Pérola da Sabedoria com as sete artes liberais. (1503)

Abaixo, tem-se um desenho de Cornelis Schut⁹: Mercúrio como protetor das Artes Liberais:



Figura 10 - Cornelis Schut. Mercure protecteur des Arts libéraux: septem artes liberales (Entre 1635 e 1655).

As imagens maneiristas alegóricas a seguir foram gravadas por Cornelis Cort e publicadas em Antuérpia em 1565 por Hieronymous Cock.¹⁰



*Concentum inter se, et discrimina grata
sonorum aure erudita deprehendit musica*

Música, uma mulher, senta-se em um cravo; outra mulher toca alaúde e dois jovens abraçados por um ancião cantam e seguram tabuletas; um homem senta-se à direita e toca alaúde e o chão está cheio de instrumentos; mais instrumentos pendurados na parede, incluindo uma gaita de folas e trombone.

9

Imagem disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cornelis_Schut_-_Allegorical_scene_on_the_seven_Liberal_Arts.jpg. Acesso em 18 jun 2020.

10

Disponível em <http://bibliodyssey.blogspot.com/2009/12/seven-liberal-arts.html>. Acesso em 18 jun 2020. Com tradução livre.

Figura 11 – Música - Cornelis Cort



*Vestigare geometriae intervalla locorum est,
quamque alto, longa, et lata rerum corpora*

A geometria, uma mulher, usa bússolas para medir o globo observado de perto por duas figuras masculinas; vários dispositivos de medição estão em primeiro plano, juntamente com volumes acadêmicos.

Figura 12 – Geometria - Cornelis Cort



*Haec contemplandis numeris ars gaudet,
eorum occulta sollers ervens mysteria*

Aritmética, uma mulher, sentada à mesa, inscreve uma tabuleta acompanhada por uma mulher idosa e dois estudiosos do sexo masculino; a mulher idosa a observa e a instrui; seu vestido é numerado “1234 ...” e dois volumes são rotulados como “ABRAHAM” e “PITÁGORAS”.

Figura 13 – Aritmética - Cornelis Cort

*Astrorum Vraniae cursvs, variosqve recvrsvs ocvlis
notans fvtvra mente praevidet; Astrorum Uraniae
cursus*

A astronomia, uma personificação feminina alada, se inclina além de um globo com símbolos de estrelas zodiacais; no chão existem vários instrumentos científicos e relógios de sol, etc.; uma águia abre suas asas e fica ao lado de uma pilha de livros rotulados “ANAXIMENES”.



Figura 14 – Astronomia - Cornelis Cort

*Vti hominem ratione docet dialectica quare
merito artium apicem magnus hanc plato vocat*

Dialética, uma mulher sentada em uma cadeira de vime, conversa com um filósofo idoso; ela repousa os pés em uma pilha de volumes denominados “ARISTOTELES”; um pássaro está sentado em sua cabeça, uma enguia está envolvida em seu braço e um sapo está sentado em um tomo ereto.



Figura 15 – Dialética - Cornelis Cort



Grammatica os tenerum pueri, balbum que figurat, scientiarum ceterarum ianitrix

A gramática, uma mulher idosa sentada, ensina a um garoto de pé ao lado dela os rudimentos da leitura e da escrita; ela tem uma equipe longa, se inclina e aponta para as páginas do livro que os jovens têm; o vestido dela tem as letras do alfabeto; numa sala de aula com alunos e vários volumes acadêmicos rotulados.

Figura 16 – Gramática - Cornelis Cort



*Rhetoricæ gratos sermoni astvta colores
qvo dvlcivs flvat is ad avreis advcit*

Retórica, uma mulher sentada, segurando um caduceu, se inclina e se envolve com um homem sentado, escrevendo em uma tabuleta; um homem idoso de barba longa coloca as mãos no ombro do jovem estudioso; dois pássaros, incluindo um papagaio, sentam-se em uma pilha de livros rotulados “CICERO” no chão.

Figura 17 – Retórica - Cornelis Cort

Outro que ilustrou as artes liberais foi o artista Hans Sebald Beham (Alemanha, 1500–1550). Seven Liberal Arts (set of 7), ca. 1520¹¹. As gravações foram feitas em tamanho 9,2 x 5,7 cm:



Figura 18 - Gramática



Figura 19 - Dialética:



Figura 20 - Retórica:



Figura 21 - Aritmética:

11
Seven Liberal Arts (set of 7), ca. 1520. Disponível em <http://www.artnet.com/artists/hans-sebald-beham/seven-liberal-arts-set-of-7-gdP-jic9tudni2QFYAENH2Q2>. Acesso em 18 jun 2020



Figura 22 - Música:



Figura 23 - Astronomia:



Figura 24 - Geometria:

Tem-se também o ilustrador Francesco Primaticcio, pintor, desenhista e arquiteto. Nascido em Bolonha (1504-1570). Também feito em gravação as representações das artes liberais¹². São elas:

12
Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/term/BIOG42669?id=BIOG42669&page=2#page-top>. Acesso em 18 jun 2020.



A personificação da gramática: uma mulher sentada, segurando um livro aberto cercado por jovens alunos e pisando em duas figuras masculinas, uma com barba.

Figura 25 - Gramática:



A personificação da Retórica: uma mulher sentada, segurando um pano e uma trombeta na forma de um caduceu; figuras ao seu redor, incluindo uma velha senhora de seios nus; Mercúrio visto sob a Retórica.

Figura 26 - Retórica:

A personificação da Dialética: uma mulher sentada, segurando um livro e uma faixa e usando capacete; cercado por figuras segurando livros, alguns apontando para a pomba do Espírito Santo vista acima; uma figura louvada vista em primeiro plano à direita.



Figura 27 - Dialética:

A personificação da Aritmética: uma mulher sentada, com um seio exposto, segurando um tabuleta; figuras vistas ao seu redor, escrevendo em tabuletas.



Figura 28 - Aritmética:



A personificação da geometria: uma mulher sentada, com um peito descoberto, segurando um esquadro; figuras segurando instrumentos de medição vistos ao seu redor; um rei barbudo (Ptolomeu I?) visto o canto inferior esquerdo.

Figura 29 - Geometria:



A personificação da astronomia: uma mulher sentada, segurando uma bússola e uma esfera armilar e coroadada por uma lua crescente e estrelas; cercada por figuras segurando ferramentas astronômicas; Hércules visto segurando o globo medido pela astronomia com uma bússola.

Figura 30 - Astronomia:



Figura 31 - Música

A personificação da música: uma mulher vestida com cortinas clássicas, com um estilo de cabelo trançado, sentada sobre instrumentos musicais de cordas, tocando violino; polo, nu, ao fundo, à esquerda, Pan com chifres segurando a lira. Um quarto músico na parte traseira direita.

Adiante, tem-se Pieter de Jode I. Gravador, pintor, negociante de arte e editor de impressão. Nascido em Antuérpia, em 1573. Morou na Itália, Veneza e Siena (com Florimi), na década de 1590. Voltou a Antuérpia em 1599, quando se matriculou na Guilda de São Lucas. Foi Decano da guilda em 1608. Viajou para Paris em 1631-32. Com a morte de sua mãe, herdou o estoque da família em 1601, que ele transformou vendendo Bíblia para Visscher e os mapas para Vrints. Com a morte em 1634, os negócios foram deixados para sua viúva. Ela morreu em 1650 e seu filho Pieter II assumiu os negócios.

Ele representa as artes liberais da seguinte forma¹²:

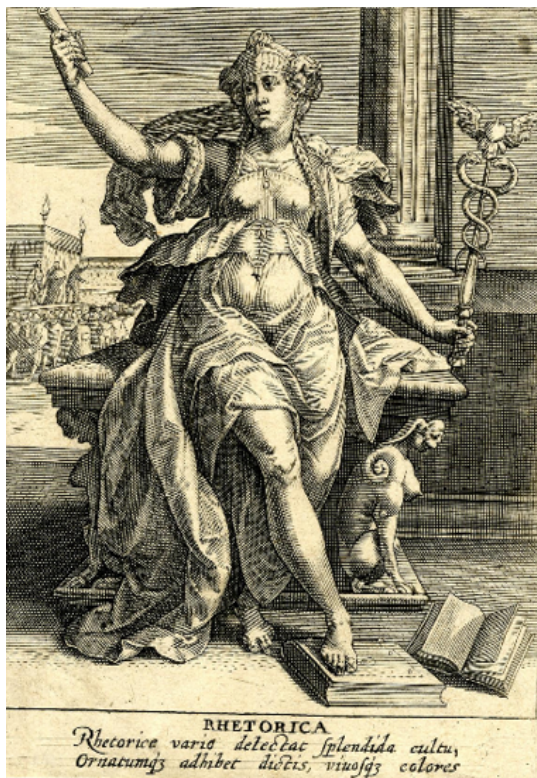


Gramática; uma personificação feminina idosa sentada com uma vara ensinando um jovem a ler; ali perto, uma galinha senta-se em sua ninhada de ovos.

Figura 32 – Gramática, Pieter de Jode I

12

Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/term/BIOG33056?id=BIOG33056&page=2#page-top>. Acesso em 18 jun 2020.



Retórica, uma personificação feminina segurando um pergaminho e um caduceu com o pé em um livro.

Figura 33 – Retórica, Pieter de Jode I



Dialética, uma personificação feminina sentada por alguns livros com um pássaro na cabeça e uma cobra entrelaçada no braço; a seus pés há dois sapos.

Figura 34 – Dialética, Pieter de Jode I

Aritmética, uma personificação feminina, de perfil completo para a esquerda, sentada e escrevendo em uma placa.



Figura 35 – Aritmética, Pieter de Jode I

Geometria, uma personificação feminina com bússolas e um globo; na cabeça dela há uma fortificação.



Figura 36 – Geometria, Pieter de Jode I



A astronomia, uma personificação feminina alada, estrelas sobre a cabeça, com um globo zodiacal e uma águia.

Figura 37 – Atronomia, Pieter de Jode I



Música, uma personificação feminina, tocando alaúde cercado por instrumentos musicais, incluindo uma lira, um violino etc.

Figura 38 – Música, Pieter de Jode I

Luca Ciamberlano. Gravador e editor impresso da Urbino. Ativo em Roma. Provavelmente nascido na década de 1570. Em 1619, ele morava na paróquia de San Lorenzo em Lucina (Stati d'animo 1619, f.35 verso). Ele era formado em Direito.



Figura 39 - As Sete Artes Liberais, em um templo, no centro, três cupidos erguem no alto o brasão de Borghese (1617)

Francis Cleyn (c. 1582 – c. 1658), nasceu em Rostock, na Alemanha. Também retratou as artes liberais¹³:
1645 As Sete Artes Liberais por Francis Cleyn:

13
Imagens disponíveis em:
<https://bjws.blogspot.com/2014/11/1645-seven-liberal-arts-by-francis-cleyn.html>. Acesso em 18 jun 2020.



Figura 40 - Francis Cleyn 1645 Aritmética



Figura 41 - Francis Cleyn 1645 Astronomia



Figura 42 - Francis Cleyn 1645 Dialética



Figura 43 - Francis Cleyn 1645 Geometria



Figura 44 - Francis Cleyn 1645 Gramática



Figura 45 - Francis Cleyn 1645 Música



Figura 46 - Retórica de Francis Cleyn 1645

Uma das mais famosas versões é a de Martianus Capella, que a descreve como as sete artes criadas que Mercúrio deu de presente para sua noiva, Filologia, para sua festa de casamento (De Nuptiis Philologiae et Mercurii e de Septem Artibus liberalibus libri novem).

The Seven Liberal Arts

Gherardo di Giovanni del Fora, 15th century

from Martianus Capella
*The Marriage of Mercury
 & Philology (ms.urb lat
 329 bibl. ap vat.)*



Figura 47 - (The Seven Liberal Arts, Gherardo di Giovanni del Fora, séc. XV)¹⁴

Nesta, a Gramática segura uma vara para punir os erros das crianças; a Retórica tem a espada em mão; a Lógica carrega o símbolo da serpente da prudência e das flores, com a Verdade escondida entre a grama; a Aritmética é uma maravilhosa mulher com um gancho na mão; a Geometria controla o movimento, o tempo e o peso; a Música toca; enquanto a Astronomia tem a esfera celeste na mão¹⁵.

14
 Imagem disponível em:
<https://medium.com/@wilsoncardoso/trivium-a-arte-de-escrever-bem-6d4e2bb04740>. Acesso em 18 jun 2020.

15
 Disponível em: <https://heavenastrolabe.wordpress.com/2009/07/25/planets-and-the-seven-liberal-arts/>. Acesso em 18 jun 2020.

16
 As artes liberais e as artes mecânicas. Marcelo Albuquerque. Disponível em: <https://historiaartearquitetura.com/2018/05/25/as-artes-liberais-e-as-artes-mecanicas/>. Acesso em 18 jun 2020.

Encontra-se, ainda, uma representação das sete artes liberais na portada oeste da Catedral de Notre-Dame¹⁶, bem como seus patronos:

CATEDRAL DE NOTRE-DAME DE CHARTRES: PORTADA REAL OESTE QUE REPRESENTA AS SETE ARTES LIBERAIS E SEUS PATRONOS, C. 1150.

TRONO DA SABEDORIA ENQUADRADO PELAS SETE ARTES LIBERAIS

TRIVIUM: GRAMÁTICA, LÓGICA E RETÓRICA
QUADRIVIUM: ARITMÉTICA, MÚSICA, GEOMETRIA E ASTRONOMIA

CRIAÇÃO E ORDEM UNIVERSAL COMPREENSÍVEL

FOTOS: MARCELO ALBUQUERQUE, 2019.



<p>1- ARISTÓTELES (INCLINADO SOBRE SUA ESCRITA. FILÓSOFO GREGO DO SÉCULO IV A.C.)</p> <p>2- DIALÉTICA OU LÓGICA (MULHER COM CAJADO NA MÃO)</p> <p>3- CÍCERO (ORADOR E POLÍTICO ROMANO DO SÉCULO I A.C.)</p> <p>4- RETÓRICA (CÍCERO E MARCIANO CAPELA - SÉC. V)</p> <p>5- EUCLIDES (MATEMÁTICO PLATÔNICO DO SÉCULO III A.C.)</p> <p>6- GEOMETRIA (SE RELACIONA A EUCLIDES E PITÁGORAS)</p> <p>7- MATEMÁTICA (SE RELACIONA A BOÉCIO E MARCIANO CAPELA)</p>	<p>8- BOÉCIO (FILÓSOFO MEDIEVAL A CONSOLAÇÃO DA FILOSOFIA)</p> <p>9- ASTRONOMIA (MULHER APONTANDO PARA OS ASTROS)</p> <p>10- PTOLOMEU (ASTRÔNOMO DO SÉCULO II D.C.)</p> <p>11- GRAMÁTICA (MULHER ENSINANDO DUAS CRIANÇAS COM FÉRULA OU PALMATÓRIA NA MÃO)</p> <p>12- PRISCIANO CESARIENSIS OU DONATO (GRAMÁTICO DO SÉCULO VI)</p> <p>13- PITÁGORAS (MONOCÓRDIO PARA DETERMINAR RELAÇÕES ENTRE OS SONS. HARMONIA DOS NÚMEROS COM O COSMOS - ESFERAS)</p> <p>14- MÚSICA (MULHER TOCANDO SINOS E CORDAS)</p>
---	--

Figura 48 - As artes liberais e as artes mecânicas (Marcelo Albuquerque)

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Afora alguns símbolos recorrentes, como o livro, o globo terrestre, o sapo, o que chama a atenção nas iconografia que representam as artes liberais é que a representação das artes, nos treze pintores apresentados (outros foram deixados de fora, uma vez que a variação de representação é pouca), é feita sempre como uma mulher. As Artes são sempre mulheres.

Nesta sumária pesquisa, encontrou-se apenas uma representação das artes liberais associadas a homens, no caso, filósofos, que é a feita por Biagio d'Antonio da Firenze, "A montanha do conhecimento" (abaixo). Na verdade, não é uma representação o que o autor faz, e sim uma alegoria das artes por meio dos filósofos. Prisciano com a Gramática à esquerda do portão da Sabedoria; Cícero com a Retórica; Aristóteles com a Lógica, Tubalcain com a Música; Ptolomeu com a Astronomia; Euclides com a Geometria e Pitágoras com a Matemática:



Figura 49 - Biagio d'Antonio da Firenze (c.1445-c.1510).
Allegory of the Liberal Arts.

O termo arte vem do latim, *ars, artis*, que por sua vez derivou do termo grego *téchne*, que significa uma habilidade, adquirida ou estudada pela prática, um conhecimento técnico, em oposição às faculdades dadas pela natureza. A matemática seria, assim, uma disciplina científica, ao passo que a capacidade musical seria uma arte, a habilidade de tocar um instrumento. Dessa forma, para o mundo grego:

No mundo grego, a atividade artística não era entendida exclusivamente como uma habilidade para criar algo estético. Na verdade, num sentido mais remoto, para os gregos, a palavra *téchne* estava relacionada ao vínculo mestre-discípulo.

O mestre conhecedor de uma habilidade manual transmitia uma série de ensinamentos a um discípulo para desenvolver tal destreza. Esta ideia apresenta um quadro de referência geral, pois tudo o que sabemos foi ensinado previamente por alguém.

Em suma, a palavra *téchne* está conectada a tudo que se refere à transmissão do saber humano, da qual inclui uma importante gama de disciplinas: gramática, medicina, pintura e gastronomia.¹⁷

Assim, a Grécia criou um novo contexto de cultura, a partir do mundo da criação artística. É em Hesíodo que se encontra as primeiras referências às musas, as divindades femininas do Olimpo que entretinham os deuses nas festas: "as nove musas simbolizam algumas das habilidades criadoras que entretinham os gregos. Calíope representa a poesia épica, Erato a poesia lírica, Euterpe a música, Terpsícore a dança e Tália a comédia. A civilização romana herdou o legado grego e a ideia de *téchne* se transformou em *ars* ou *arte*"¹⁸.

17

Disponível em: <https://etimologia.com.br/arte/>.
Acesso em 18 jun 2020.

18

Idem

Abaixo, apenas para ilustrar, duas – entre inúmeras – representações das musas gregas:



Figura 50 - Baldassare Tommaso Peruzzi (1481 -1536)



Figura 51 - (Autoria desconhecida)

19
ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos. Artes E Letras/Arcádia*. Lisboa - Portugal, 1979. pp. 11-12

As musas, originalmente, eram divindades da primavera, sendo chamadas, posteriormente, de deusas, pois guiavam os homens. Lideradas por Apolo, elas cantavam e dançavam, assim, induziam a memória dos homens, inspirando artistas e escritores.

Mas por que a figura feminina? Antes de responder, retoma-se o que diz Mircea Eliade a respeito do símbolo:

Uma feliz junção temporal fez, dizíamos, com que a Europa Ocidental redescobrisse o valor cognitivo do símbolo numa altura em que já não está sozinha a “fazer história”, em que a cultura europeia, a não ser que se feche num provincianismo esterilizante, é obrigada a contar com outras vias de conhecimento, com outras escalas de valores que não as suas.

A este respeito, todas as descobertas e as vogas sucessivas em relação ao irracional, ao inconsciente, ao simbolismo, às experiências poéticas, às artes exóticas e não figurativas, etc., serviram indiretamente o Ocidente, preparando-o para uma compreensão mais viva e portanto mais profunda dos valores extra-europeus e em definitivo para o diálogo com os povos não europeus. Basta pensar na atitude do etnógrafo do século XIX perante o seu “objeto” e sobretudo no resultado das suas investigações, para avaliar o progresso gigantesco realizado pela etnologia ao longo dos últimos trinta anos. O etnólogo dos nossos dias aprendeu, ao mesmo tempo do que a importância do simbolismo para o pensamento arcaico, a sua coerência intrínseca, a sua validade, a sua audácia especulativa, a sua “nobreza”.¹⁹

Portanto, um símbolo é um objeto ou uma ideia que representa outra de uma forma mais ou menos explícita. E a figura da mulher, na tradição, tem esse caráter de representação, como aponta o verbete “mulher”, num dicionário de símbolos:

Mulher. Imagem arquetipal que simboliza, em seus aspectos superiores, a sabedoria e as virtudes supremas (Sofia e Maria) e, nos inferiores, a paixão e a inconsciência (Eva e Helena). Na antropologia, a mulher corresponde ao princípio passivo da natureza. Ela tem três aspectos básicos: primeiro, como “sereia”, ser monstruoso (metade mulher, metade peixe) que encanta, distrai e tenta os homens para que saiam do caminho da evolução; segundo, como mãe, a *Magna Mater*, relacionada com os aspectos destituídos de forma do elemento água e do inconsciente; e, terceiro, como a alma da psicologia junguiana. Um dos mais puros exemplos de mulher como emblema do conceito de alma é o personagem Beatriz, na *Divina Comédia de Dante*.²⁰

Ou seja, as mulheres representam as “virtudes supremas”, a “paixão” e a “inconsciência”.

E por que o número Sete? Há uma extensa lista de relações que são em número de sete, além das citadas anteriormente, na religião, na filosofia, na arte, no esoterismo, na Teosofia, etc. Este número está presente em toda a filosofia e literatura sagrada desde os tempos imemoriais. Além de ser considerado um número mágico, ele é sagrado, como afirmou Pitágoras. Um número mítico por excelência. De acordo com a tradição esotérica, ele representa a passagem do conhecido para o desconhecido, sendo ele uma combinação do três e o quatro: “o três, representado por um triângulo, é o Espírito; o quatro, representado por um quadrado, é a matéria”²¹. De maneira que, associado à artes liberais, o significado simbólico do três + quatro significa: o trivium: as artes do espírito (gramática, retórica e dialética) + quadrivium (aritmética, geometria, astronomia e música): as artes da matéria. Elas estão próximas umas das outras, e reforçam, entre si, o sentido da verdade, complementando-se, e o seu simbolismo, representado por sua iconografia, indica a elevação e o aperfeiçoamento do homem ao conhecimento.

20
Dicionário de Símbolos Esotéricos. Disponível em:
<http://espacoviverzen.com.br/wp-content/uploads/2017/06/dicionario-de-simbolos-esotericos.pdf> . Acesso em: 18 jun 2020.

21
Verbetes “O número 7”. O poder dos símbolos – 5ª edição. São Paulo, 2018, 5ª edição. Disponível em:
<https://projetoalquimia.wordpress.com/2012/04/07/o-poder-dos-simbolos/> . Acesso em 18 jun 2020.

REFERÊNCIAS

- CARAMELLA, Elaine. *História da arte*. São Paulo: Edusc, 1998.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. Artes E Letras/ Arcádia. Lisboa – Portugal, 1979
- JOSEPH, Mirian. *O Trivium: as artes liberais da lógica, gramática e retórica: entendendo a natureza e a função da linguagem*. São Paulo: É Realizações, 2008.
- ORBORNE, Harold. *Estética e teoria da arte*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- QUEIROZ, Tereza Aline. *Trivium e Quadrivium: as artes liberais na Idade Média*, 1999
- TATARKIEWICZ, Wladyslaw. *Historia de la estética*, Madrid: Akal. 2000. vol. I.

